Entre favores e artimanhas: a problemática do favor em A família Agulha

Between favors and tricks: the problem of favor in A família Agulha

Cleiton Rocha Vicentin[1]
Marcos Hidemi de Lima[2]

RESUMO: O presente artigo pretende verificar de que forma as representações da problemática do favor se fazem presentes no romance folhetinesco *A família Agulha* (1870), do escritor carioca Luís Guimarães Júnior (1845-1898). Para isso, ancorar-se-á nas considerações teóricas de Gilberto Freyre (2013) e nos conceitos de Roberto Schwarz (1981), Roberto Reis (1987) e de Mary Del Priore, (2011).

ABSTRACT: This article aims to verify how representations of the problem of favor are present in the serial novel A família Agulha (1870), by the Rio de Janeiro writer Luís Guimarães Júnior (1845-1898). To this end, it will be anchored on the theoretical considerations of Gilberto Freyre (2013) and the concepts of Roberto Schwarz (1981), Roberto Reis (1987), and Mary Del Priore (2011).

PALAVRAS-CHAVE: *A família Agulha;* Romance brasileiro oitocentista; Ordem patriarcal.

KEYWORDS*: A família Agulha*; 19th century; Brazilian novel; Patriarchal order.

1 Introdução

O romance-folhetim exerceu um papel importante na literatura brasileira do século XIX mesmo tendo sua circulação limitada por encontrar-se em um país onde o número de alfabetizados não chegava a vinte porcento e a prática da leitura

[1] Mestre em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus de Pato Branco.

[2] Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *campus* de Pato Branco.

literária concentrava-se apenas na elite e na classe média. Isso, todavia, não impediu que se fizessem, por parte dos artistas, descrições apuradas de todo o panorama social da classe média carioca, a qual constituiu a clientela folhetinesca por excelência. Para alguns críticos, como Sílvio Romero, a literatura folhetinesca foi o *dandy*[3] da literatura feita no país. Em uma publicação do *Diário do Rio de Janeiro,* cuja data aponta para 1º de janeiro de 1870, ela é comparada a um sujeito que "usa bigode, *pince-nez e chibata",* que "tem a voz de tenor, apara as unhas, usa *frac* inglês, botim estreito, não ambiciona nada em política" e é "vaidoso, petulante, inútil como as melhores coisas da vida". (SÜSSEKIND, 1987, p. 17).

Surgido na França, no mesmo século XIX em que apareceu por aqui, o folhetim circulou nas páginas dos principais jornais brasileiros sob o caráter, na maioria das vezes, de uma leitura humorística fácil, com linguagem simples e destinado à diversão e à mera passagem do tempo da classe burguesa. Outras vezes, ele tomou a qualidade do tipo de humor ao qual Baudelaire chamou de "cômico absoluto", ou seja, aquele que possui algo de "grotesco", que se deixa levar pela "vertigem da hipérbole, da dualidade", que se posiciona no campo da "invenção" e não da imitação, cujo efeito produzido no leitor é um riso que apresenta "qualquer coisa de profundo, de axiomático, de primitivo" (SÜSSEKIND, 1987, p. 11). Entre os romances-folhetins que pertencem a esse segundo tipo, destaca-se *A família Agulha* (1870), objeto das considerações realizadas no decorrer deste artigo. O romance foi publicado entre 21 de janeiro e 26 de abril no *Diário do Rio de Janeiro* e é de autoria do escritor carioca Luís Guimarães Júnior (1845-1898).

[3] Palavra de origem inglesa (aportuguesada para dândi) que define aquele que se veste e se comporta de modo elegante, distinto e possui apurado senso estético. A outra definição do vocábulo, de cunho negativo, observa que dândi é aquele que dá cuidado exagerado às aparências. É sob esta perspectiva que Romero assinala a obra de Guimarães Júnior, julgando-a marcada pela ausência de identidade nacional e pelo pouco aprofundamento.

Poeta, dramaturgo, contista, biógrafo, romancista, e proveniente de uma família abastada, Luís Guimarães Júnior iniciou em 1862 o curso de Direito na Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo, bacharelando-se apenas em 1869 em Recife, onde teve contato com Castro Alves e Tobias Barreto. Seu primeiro romance, escrito aos 16 anos de idade e intitulado *Lírio branco,* foi precedido por colaborações em diversos jornais cariocas, paulistas e pernambucanos, nos quais utilizou muitas vezes os pseudônimos de "Feliz Vandenesse", "Mefistófeles", "Oscar D'Alva", "Vítor Murilo", Luciano d'Ataíde", entre outros. Aos 28 anos de idade, quatro anos após ter publicado o livro de poemas *Corimbos* (1866), é nomeado secretário de Legação em Londres. Entre 1873 e 1884, exerceu postos de trabalho no Chile, em Roma, em Lisboa e na Venezuela, onde assumiu os cargos de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil. Além disso, Guimarães Júnior foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras em 1897, um ano antes de sua morte na cidade de Lisboa. Quem descreveu algumas das características da figura distinta que foi esse escritor é o crítico Ramalho Ortigão:

> Luís Guimarães sabe trazer com descerimônias e galhardias a fina casaca justa cingida ao busto, e adornada de uma gardênia, o colete decotado em plotas de copas, a camisa de plastron chato e a gravata branca em pequeno laço inflexível e quadrilongo. Tem o raciocínio gastronômico do café Anglais, ceou no *Grand Seice* e por nenhuma espécie de perturbação se equivocaria nos pratos a que se deve servir o *Johannisberg,* o *Romanés,* o *Chateau Yquem, Sherry,* o *Marsala* ou o *Tokey*. Sabe conduzir um *cotillon,* ditar um *menu,* classificar um *bibelot* ou um quadro, governar um cavalo pelos métodos do barão d'Etreillis, manejar uma espada, dançar a valsa lenta a três tempos, e conversar sem inflexões e sem gestos, imóvel, direito, banal, insondável e distinto, vocalizando nitidamente com as devidas *nuances* de expressões, os termos de Sire, Altesse, Madame, Monsegneur. Ele finalmente adquiriu por sábio artifício, todos os conhecimentos profundos e todos os elevados dotes de *sportmen,* de *clubman* de *boudine* e de *tompin,* que constituem o perfeito diplomata (ORTIGÃO, 1943 *apud* SÜSSEKIND, 1987, p. 16).

Muitas dessas características são justificadas pelo próprio Guimarães Junior, quando, em 23 de janeiro de 1870, acentua que “é condição do folhetinista gostar de tudo quanto é vaporoso e leve" (SÜSSEKIND, 1987, p. 16).

2 Um breve passeio pelo Brasil oitocentista

Ao refletir sobre a relação entre a literatura e a vida social, Antonio Candido chama a atenção para aspectos que são caros a este breve estudo:

> A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (1989, p. 163).

De posse das considerações do crítico, torna-se importante investigar alguns elementos do panorama social do qual Guimarães Júnior recolhe materiais os quais, por meio da sua atividade criativa, transforma em arte.

O Brasil oitocentista, que abriga a escrita de Guimarães Júnior e oferece-lhe o contexto referencial do qual recolhe material para compor muitos aspectos de sua obra, foi retratado por Gilberto Freyre em *Sobrados e mucambos* e constitui-se também como o país das ideias fora do lugar, sobre o qual Roberto Schwarz tece sua análise contundente. É o período em que, com a chegada de D. João VI e com o aumento do interesse de Portugal pela colônia, o patriarcado rural sente a perda da majestade dos tempos coloniais e passa por um momento de visível decadência, sem contudo deixar de continuar exercendo impacto econômico e cultural na sociedade.

As mudanças, como a abertura das primeiras escolas superiores, bibliotecas e bancos, começaram a alterar a estrutura da colônia no sentido de maior prestígio do poder real (FREYRE, 2013, p. 65), o que fez com que se apagasse consideravelmente o raio de poder dos senhores patriarcas, aos quais toda a colônia curvava-se anteriormente. Soma-se a estas modificações a transformação do povoado do Recife na melhor cidade da colônia. Com a vinda dos holandeses ao povoado, muitos estrangeiros casaram-se com filhas de senhores de engenhos e de grandes proprietários de terra da região e estabeleceram atividades urbanas ligadas, dentre outras, ao comércio, à agiotagem e à política. Nesse contexto, em Recife e, gradativamente, em outras cidades da colônia, inicia-se o aparecimento das casas nobres, sobrados levantados no espaço urbano e que se fizeram extensão das casas-grandes rurais (FREYRE, 2013, p. 65).

Nesse período, dá-se o surgimento dos novos patriarcas, agora urbanos. São homens de vida estável, donos de casarões burgueses e negociantes ricos querendo o domínio sobre as câmaras ou os senados. Eles são os antigos aventureiros que enriqueceram com a exploração das minas; outros, que se fizeram mascates, enriqueceram a partir dos lucros excessivos arrancados da classe decadente senhorial e se tornaram vendedores de sobrados (FREYRE, 2013, p. 68). Além disso, tal período contou com a ação dos agiotas, a maior parte deles judeus amparados pela maçonaria, os quais se beneficiaram com a maior cobrança de impostos pela coroa portuguesa e com o consequente declínio dos senhores rurais. Eles financiavam, a altos juros, a compra de escravizados e de terras, e aplicavam os rendimentos em investimentos imobiliários nos centros urbanos, contribuindo para o crescimento das cidades (FREYRE, 2013, p. 70). Nesse sentido, as cidades

começaram a crescer a partir do lucro obtido pela ação da agiotagem sobre os senhores, possuidores de terras e de escravizados.

Em síntese, no seio da sociedade oitocentista floresceram três classes sociais, das quais a primeira era uma elite urbana que se originou alimentando-se da exploração do trabalho escravo, da manutenção da classe de escravizados, a terceira classe, e que se beneficiou do desenvolvimento da segunda, esta chamada de "homens livres". É dessa camada intermediária que fazem parte alguns dos personagens criados por Guimarães Junior em *A família Agulha*.

3 Algumas palavras sobre o enredo

Distribuído em trinta e cinco capítulos e duas páginas conclusivas, *A família Agulha* é conduzido por um narrador onisciente intruso, considerando a tipologia do narrador proposta por Norman Friedman em seu ensaio "O ponto de vista na ficção" (1967), cujos conceitos foram revisitados em 1985 pela estudiosa Ligia Chiappini Moraes Leite em *O foco narrativo*. Esse tipo de narrador, usando preferencialmente o sumário, vê tudo, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço de uma forma a criar a impressão de ter conhecimento de tudo o que acontece na história, das características e intenções dos personagens, do desdobramento das ações e do conflito dramático. O traço que caracteriza tal categoria é a intrusão: "Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções" (FRIEDMAN, 1967, p. 119-120 *apud* LEITE, 1985, p. 26-27).

Por meio dessa categoria, o narrador de *A Família Agulha* descreve a trajetória cômica da família formada por Anastácio, Eufrásia, e o filho Bernardino. Anastácio Temporal Agulha é um funcionário corrupto do império, "[...] fraco em raciocínios

sérios, mas destro na velhacaria e na ladroeira" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 107). Eufrásia Sistema, a esposa, é descrita como uma moça "pobre e feia" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 39), marcada por possuir pés que calçavam número quarenta e sete, motivadores da paixão do jovem Anastácio por ela e elemento decisivo do pedido de casamento. O filho do casal, Bernardino, fez-se um jovem mimado e também corrupto que pôs a perder o pouco de dinheiro que restava à família depois de apaixonar-se por Joaninha, uma prostituta de luxo que é apresentada, no início do romance, como esposa do rico político Sacramento.

É na imprevisibilidade, materializada nas atitudes e nas falas de Anastácio, na ingenuidade de Bernardino e na desgraciosidade de Eufrásia, que se concentram as principais características humorísticas da obra. No entanto percebe-se que tais elementos não eclipsam a visão crítica da sociedade, uma vez que, embora o romance apresente o humor atrelado à caricatura, os assuntos levantados pelo narrador são sérios e refletem muitas questões presentes na sociedade oitocentista brasileira. É por meio da comicidade que Guimarães Júnior consegue apreender os hábitos do Rio de Janeiro imperial e recém-urbanizado, bem como toda a gama de corrupção existente nas relações políticas e comerciais dessa sociedade. Nesse sentido, constata-se um tipo particular de olhar realista que situa a obra no entrelugar transitório do Romantismo para o Realismo e o Realismo-Naturalismo.

Os primeiros capítulos apresentam a denúncia de atos de corrupção de Anastácio na alfândega do império e a aproximação interesseira do casal Agulha ao rico político carioca Sacramento, intermediada por Joaninha, então esposa do homem público. Depois de receber autorização para "gastar até o último vintém" na tarefa de eleger o candidato a deputado Leocádio da Boa-Morte, Anastácio forja gastos com a campanha, apropria-se do dinheiro e foge com Eufrásia para Macaé,

onde, por algum tempo, se estabelecem confortavelmente em um sobrado; na nova cidade, Anastácio continua a "[...] extorquir mais dinheiro à humanidade desprevenida [...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 107), de tal forma que "[...] dois anos depois havia duplicado, triplicado o capital!" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p.107). De volta ao Rio de Janeiro, uma vez que Sacramento e Joaninha tinham se mudado para a cidade de Petrópolis, o casal Agulha vive o nascimento do filho Bernardino e a incansável busca por um padrinho distinto para o menino. Nesse período, a família convive com algumas vizinhas, todas elas personagens caricatas, como a charadista Leonarda; a devota dos Barbadinhos; Quininha Ciciosa, sempre envolta em "[...] fitas e sorrisos [...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 253); a viúva Arrozal; a senhora Quitéria do Amor Divino; e a doceira Dona Januária.

A partir do vigésimo terceiro capítulo, a narrativa focaliza a luta pela escolarização do filho do casal Agulha, o qual "[...] cursou vários colégios, donde saía três dias depois da entrada [...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 330), a morte de Eufrásia Sistema, e a decadência financeira de Anastácio e do filho, após o último se apaixonar perdidamente por Joaninha, a "Caxuxa". Em sua ânsia por ser correspondido, Bernardino, isento de limites tal qual o pai, gasta com a prostituta de luxo todo o dinheiro que ainda restara à família e acaba entrando para o crime, o que, pouco tempo depois, o levará a ser procurado como "[...] falsificador de firmas, devedor de não sei quantos contos de réis [...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 408) e, finalmente, como ladrão de joalheria. Ao cometer esse último crime, Bernardino é perseguido pelo povo que, aos gritos de "Ladrão! Pega ladrão!" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 414), o faz desaparecer do local. Anastácio, diante da situação, vociferou "[...] mostrando os punhos fechados ao povo. E caiu no meio da rua, morto" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 414).

4 A problemática do favor e os meios corruptos de sobrevivência

A sociedade oitocentista brasileira, de acordo com Roberto Schwarz, vê florescer três classes sociais, sendo elas a do latifundiário, a do escravizado e a do "homem livre", que era dependente do latifundiário. Roberto Reis, ao pensar sobre o tema da formação da sociedade brasileira, ancora-se nos conceitos de "núcleo" e "nebulosa", de Caio Prado Júnior, e de "centro" e "círculo", de Octavio Ianni, para tomar a sociedade dos séculos XIX e XX como um grande círculo hierarquizado, cujo núcleo ou centro é reservado à figura heterossexual, branca, rica e autoritária do senhor patriarca, que abriga, em torno de si, os que habitam os espaços menos privilegiados. Na nebulosa, ou periferia, por sua vez, estão posicionados aqueles que devem obedecer à vontade do senhor e dos que orbitam esta figura poderosa. Neste espaço dos desvalidos socioeconômicos, circulam categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho) que, situados fora do núcleo, são marginalizadas em todos os níveis sociais (REIS, 1987, p. 32).

Na pirâmide social apresentada por Schwarz, o topo é o lugar habitado pelos exploradores do trabalho alheio e, na base, localizam-se aqueles que são submetidos à servidão. No meio, por sua vez, ficam os "homens livres", aqueles que, embora explorados na relação de favor que mantêm com a elite, têm como objetivo serem vistos como ocupantes do topo da pirâmide (REIS, 1987). Nesse sentido, caracterizam-se como "homens livres" aqueles que não eram proprietários nem escravizados, mas a grande parte relegada às margens da participação política e econômica (Cf. FRANCO, 1997, p. 21-63).

Esse "homem livre" deu impulso a um sistema de favor, agregando-se direta ou indiretamente a alguém que detinha poder. Nesse contexto, o favor dava a

garantia, às duas partes, em especial ao ocupante da classe mais baixa, de que nenhuma delas era escrava. Estabelecido o contrato, "[...] mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma" (SCHWARZ, 1981, p. 20). Além disso, o sistema de favor atrelou-se à visão ignominiosa do trabalho manual cultivada pela classe dominante, levando os favorecidos à adoção da mesma visão. Em termos gerais, o favor pode ser entendido como

> [...] o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, está assegurada pela força. Esteve presente em toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, corte, etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção europeia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele (SCHWARZ, 1981, p. 16).

Dessa maneira, situado no entrelugar da incompatibilidade com a escravidão e com o sistema liberal, o favor originou um padrão particular na sociedade brasileira. Para justificá-lo, as ideias e razões liberais europeias da igualdade, do mérito, do trabalho e da razão, as quais pairavam sobre a sociedade brasileira sem, contudo, encontrar lugar apropriado, foram utilizadas como legitimadoras do favor (SCHWARZ, 1981, p. 13-28).

Em *A família Agulha,* é possível observar a presença de elementos que remetem ao sistema de favor. A família de Eufrásia, esposa de Anastácio Agulha "[...] era pobre. Possuía o suficiente apenas para o chefe não andar de cotovelos rotos e

a filha de botins desmantelados" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 40). Entretanto Lucas Sistema, pai de Eufrásia, tenta estabelecer relações com a elite local por meio do apadrinhamento da filha, "[...] cabendo a honra do batistério de Eufrasinha a um rico fazendeiro de Macaé, que morreu no dia seguinte do batizado" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 38).

Outra tentativa de aproximação ocorre no âmbito cultural. Quando percebe o gosto da elite pela música europeia, "Lucas Sistema chamou um mestre de piano que não sabia o português, e dando a entender por gestos expressivos que queria que a filha aprendesse o piano, Mr. Robert Krauss respondeu laconicamente: - Immediately!" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 40). A família Sistema se empenha em tentar expressar uma imagem de fidalguia, de superioridade à moda europeia, consonante com as ideias francesas, inglesas e norte-americanas que pairavam artificialmente sobre um Brasil agrário e independente, dividido em latifúndio e dependente tanto do trabalho escravo quanto do mercado externo.

Diante desse quadro, como observa Schwarz (1981), é perceptível a tentativa da elite brasileira de adotar, em um Brasil ainda escravocrata, as ideias que circulavam na Europa, as quais pregaram a ciência como luz, a Humanidade, o Progresso e o liberalismo econômico. Embora encobrisse a exploração do trabalho, a Europa apresentava um contexto social que correspondia aos ideais então em voga, como o liberalismo. O Brasil, por sua vez, ao trazer dos países europeus distintos modos de vida, instituições e visão de mundo, fez dos brasileiros uns "desterrados" na sua própria terra, como observa Schwarz, apoiado em Sérgio Buarque de Holanda. Dessa forma, ao procurar reproduzir tais ideias, a elite brasileira tentou viver segundo os costumes da elite urbana europeia. Ao longo do tempo, no âmbito rural e urbano, esse aspecto se reproduziu nas revistas, nos

costumes, nas casas, nos símbolos nacionais, nos pronunciamentos das revoluções e nas teorias.

Torna-se importante observar, nesse sentido, que essas ideias vão de encontro aos objetivos do favor, uma vez que era preciso provar a consonância com o que a elite europeia pensava, fazia, usava e se comportava, bem como simular a sua participação nessa "esfera augusta". Todavia a disparidade se encontra no fato de que a esfera à qual tal elite quer pertencer, a europeia, estava industrializada e urbanizada, enquanto a brasileira permanecia rural e escravocrata (SCHWARZ, 1981, p. 13-28).

Frustradas as duas primeiras tentativas de inserção social, a presença da família Agulha no teatro surge como uma nova estratégia, logo desperdiçada pelo descompasso entre o comportamento de Eufrásia e dos espectadores elitizados. Depois de Eufrásia atrapalhar a apresentação de uma cantora ao emitir sons vocais na tentativa de acompanhar a canção, a família se beneficia da forma como a lógica do favor acomoda os interesses de um grupo: no dia seguinte ao do espetáculo, "[...] os jornais comentaram o episódio, mas como Lucas Pereira Sistema era eleitor do partido que estava no poder, os órgãos do governo acharam até graça no desfrute" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 42).

Eufrásia, cujo tamanho dos pés denunciava pertencer à camada dos homens livres, é casada com Anastácio Agulha, um funcionário corrupto do império que, sob os indícios de que tirava "[...] mais que o ordenado da alfândega" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 51), foi alvo de revista nos negócios executados no trabalho e "[...] foi posto no olho da rua por motivos de ... esperteza particular e de conveniência pública" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 60). Para sobreviver na sociedade carioca, ainda marcada pela visão ignominiosa do trabalho, Anastácio elabora inúmeros

estratagemas malandros, na tentativa de evitar ficar à margem. A possibilidade de, por meio de uma visita, aproximar-se do rico político Sacramento, esposo de uma antiga amiga de Eufrásia, chamada Joaninha, leva o casal Agulha a forjar modos que dessem a entender que pertenciam à elite. Para causar impressão de *status* social, por exemplo, "Anastácio procurara [...] um cocheiro que o levasse a seu destino pelo menor preço e com as mais sérias garantias. - Um carro que seja respeitável e seguro; um carro grande, muito grande, um carro que imponha!" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 63). Contudo, ao chegar ao destino, depois de um caminho esburacado, o narrador focaliza a carruagem e constata que "[...] uma parte de sua individualidade ficara pelo caminho" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 64). Além disso, compõem a cena humorística "[...] os cavalos de uma magreza metafísica, o cocheiro mais magro que os cavalos e o resto mais ridículo que o cocheiro" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 64).

A mesma tentativa de produzir uma falsa imagem social se repete quando Bernardino é batizado. Depois de uma tentativa desesperada e frustrada de arranjar um padrinho da alta sociedade para batizar o filho, cabe ao personagem "Bernardo José sem sobrenome" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 177) o título de padrinho. Obviamente o tom de humor rasgado permanece na narrativa e, nesta cena, o casal Agulha tenta se aproveitar da cerimônia para criar uma imagem social:

> A distância da Rua da Misericórdia à Igreja de S. José é pequena, como sabem [...]. Bernardo José, com o menino sobre os joelhos, abria a marcha dentro do primeiro tílburi. Seguia-se lhe Anastácio Agulha sem ninguém ao colo, o que foi uma ventura para Felisberto Canudo de Oliveira Conceição Albuquerque e Melo. O escrivão Lopes atreveu-se a alugar um carro, onde se acondicionaram quase todas as senhoras (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 198).

Torna-se pertinente observar que o mundo de aparências que tais personagens procuram construir ao circular de carruagem, dentro dos moldes

europeus, contrasta com a realidade carioca, a qual oferece aos transeuntes ruas enlameadas, desprovidas de iluminação elétrica e infestadas por ratos. Realizada a cerimônia de batizado do menino Bernardino, o pagamento dos preparativos para o evento só foi possível devido ao dinheiro obtido mediante um golpe aplicado por Anastácio no político Sacramento, ao qual prometera trabalhar na campanha do candidato a ministro Leocádio da Boa-Morte. No momento do acordo, Sacramento se dirige a Anastácio e promete: "[...] com toda a familiaridade, vem cá amanhã que eu lhe proporcionarei os meios. Tudo o que quiseres terás, e quando Leocádio sair deputado tu serás nomeado inspetor geral da alfândega" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 69). É nesta ocasião que Anastácio prepara listas de alto custo para realizar a campanha e confidencia à esposa: "Vem a ser justamente a quantia de que eu necessito para sairmos do Rio de Janeiro, sem que alguém se lembre de embargar-nos a passagem, meu anjo!" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 83). É dessa forma, utilizando-se de muitos artifícios corruptos, que a família consegue se aproximar do núcleo. O narrador esclarece:

> Se o leitor incrédulo admirar-se da nova posição de Bernardino Agulha, espécie de Monte Cristo em miniatura neste capítulo, não tem mais do que consultar os usurários desta boa capital e a uma misteriosa sociedade de falsificadores de firma, cuja história contarei um dia, para quem não há dificuldades, nem obstáculos perante o fulgor irresistível das moedas. Alguns vão parar à correção, outros a Buenos Aires e outros ... e quase todos vivem folgadamente na corte, sede do império, acotovelando a polícia, enchendo os salões com o luxo de suas mulheres e o esplendor de suas condecorações (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 407).

Outro personagem da obra que também pertence à esfera dos "homens livres" e adota meios corruptos de sobrevivência é o procurador Felisberto Canudo de Oliveira Conceição Albuquerque e Melo. A coleção de sobrenomes já denota um

histórico de favor na família de Felisberto, uma vez que, em tal sistema, os agregados passam a incorporar o sobrenome da família com a qual estabelecem relações de favor. Ao refletir sobre essa questão, Freyre mostrar que, nesses casos, o elemento sociológico tomava a vez do biológico, pois optava-se pelo nome prestigioso de família como condição de maior proteção diante das incertezas com relação ao futuro do indivíduo. Nessa conjuntura, "[...] o indivíduo com nome de família pelo lado paterno – normalmente o dominante – obscuro ou desprezível (às vezes por ser nome de imigrante ou africano ou ostensivamente plebeu), refugiava-se no nome da família materna ou no nome da família do padrinho, para proteger-se, proteger o seu futuro e proteger os descendentes" (FREYRE, 2013, p. 156).

Além disso, o procurador Felisberto ocupa um cargo de confiança que não condiz com suas habilidades necessárias para desenvolver tal função. Isso fica evidente quando os sinais de semianalfabetismo aparecem em um documento elaborado pelo personagem, que escreve: *"Nóz a Baxo accçinadus, dêclaramus que é du Noço agrado e pelas Garantias, que a lei nus Fakulta, fazzermus o contrato seguinte[...] ARTIGU PREMERO: - A parte contratanti de nomi Felisberto Canudo de Oliveira Conceiçam Albuquerq e Melo, procurador de cauzas, crimes, cíveis, comerciaes, eclesia, etc*.[...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 242, grifos do autor). O escrivão Lopes, companheiro de trabalho do procurador, também se utiliza de meios ilícitos para ganhar a vida pois, em certo momento do texto, ele "[...] viera despedir-se para seguir viagem até Friburgo, onde o chamava um negócio de enganar gente tola [...]" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 407).

A agiotagem também é um elemento que aparece no romance e que, como demonstra Freyre (2013), está relacionada ao surgimento do banco, instituição que modificou a paisagem social oitocentista. Com o declínio dos senhores de engenho,

as gerações mais novas transferiram-se para as cidades, tornando-se bacharéis, deputados e funcionários públicos. Nesse contexto, ocorrem a infiltração da elite escravocrata nas decisões políticas urbanas e o uso do poder estatal em favor dos interesses dos grandes proprietários de terra, moradores de casas-grandes e de sobrados (FREYRE, 2013, p. 75). Essa transformação pode ser percebida em *A família Agulha* quando o narrador enfatiza:

> Os procuradores (com-c-e não com k, oh Felisberto Canudo!) os procuradores sim: têm tomado novo aspecto agora; já não moram na Rua da Providência, moram nos palacetes do... moram nos mais esculturais palácios da terra! A tua raça, oh Albuquerque e Melo (com que e não com *q*!) desapareceu completamente na onda tempestuosa do progresso, que arrastou tanto cigano, tantos meirinhos, e tantos imperadores do Espírito Santo! A nova geração é brilhante e sacudida! É um povo de heróis, são os titãs do processo e os Átilas da bolsa pública! Contigo, Felisberto, sumiu-se aquele resto de ingenuidade e de lhaneza dos nossos antepassados. Tu roubavas, é certo, procurador, mas roubavas com sinceridade, roubavas com uma nobre segurança de espírito, que era o condão das passadas eras. Os teus gloriosos descendentes diferem em tudo do tronco primitivo [...] (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 154).

Outra atividade que chama a atenção no romance e que estabelece diálogo com a temática do favor é a das prostitutas de luxo, conhecidas então como "francesas". A prostituição, vista como um mal necessário e disseminador da sífilis na sociedade oitocentista, proliferava tanto nos sobrados como nos mucambos. Ademais, como observa Mary Del Priore (2011), estas mulheres dividiam-se em três classes: as do sobrado, as de "sobradinho" e as de escória.

No romance, a ocupante da primeira classe é Joaninha, personagem que aparece no início do romance como esposa do rico político Sacramento. Pouco tempo depois das eleições, ela muda de cidade, demonstrando interesse em aproximar-se de outros homens ricos. Nesse sentido, é significativo o trecho em que

"Joaninha apresentou-se na sala com vestido decorado e coberta de joias" porque "[...] recebera um cartão de visitas de alguém que estava em Petrópolis, e que vinha visitá-la naquele dia" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 96). Tempos depois, já separada de Sacramento, Joaninha é indagada por Eufrásia sobre o visitante daquele dia, ao que ela responde: "[...] aquilo é um pedaço d'asno. Felizmente acordei a tempo! Um rapaz sem espírito, sem graça, sem ... e fez o movimento do polegar e do índex para exprimir o pensamento" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 159). Gradativamente, Joaninha vai se transformando, sob comentários da sociedade, na Caxuxa, aquela que "[...] anda de carro, tem sedas, tem brilhantes, dança nos bailes públicos e pôs a fortuna do Carneirinho Campos de pernas para o ar" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 162). Sempre tentando copiar os costumes da elite, ela revela-se, porém, inculta ao escrever uma carta para Eufrásia, na qual conclui com as seguintes palavras: "[...] e que em Breve hirá dar-the o abrasso mais apertado. Esthou cazadda e filliz. Joaninha Sacramento" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 61).

No capítulo vinte e cinco Joaninha transformou-se definitivamente em Caxuxa, uma prostituta de luxo que que se apresenta no teatro Alcazar, um espaço onde

> As *estrelas filantes* [...] batem-se em uma atmosfera de luz, de flores, de perfumes, vertiginosos. Os espirituosos nas cadeiras afiam as línguas em pilhérias apimentadas lançadas à cena, e as condescendentes *divas* [...] sorriem a todos com os seus trinta e dois dentes de lobos famintos. [...] a seda e o brilhante dão-se em entrevistas sobre corpos mais ou menos alvos e mais ou menos mercenários; a música de Offenbach recorta o ar ruidosamente, e através de tantas seduções da mocidade e da loucura, alveja uma calva de homem de Estado ou a barba branca de um fazendeiro boçal, que vem depositar nos cofres do Alcazar a importância de duas copiosas safras (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 314, grifos do autor).

Depois de encontrá-la no Alcazar, Bernardino Agulha se apaixona pela prostituta. No entanto o jovem se desespera quando "Joaninha Sacramento, quatro

dias depois do encontro com Bernardino Agulha, recebia pela segunda vez, nos seus perfumados domínios, um homem de porte severo e estatura respeitável, velho fazendeiro, pai de muitos filhos e dono de muitos cafezais" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 345). Em sua ânsia por ser correspondido, pede dinheiro a Anastácio, que "[...] entregara sem pestanejar ao filho os últimos recursos da casa; além disso, um bom usurário mediante o pequeno juro de oitenta por cento adiantou mais algumas centenas de mil réis a Bernardino Agulha" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 368-369). Dessa forma, o jovem gasta com a prostituta de luxo todo o dinheiro que ainda restava à família e acaba entrando para o crime. Pouco tempo depois, bateram na porta de Anastácio Agulha: "Tratava-se simplesmente de procurar Bernardino por falsificador de firmas, devedor de não sei quantos contos de réis, e duas letras foram apresentadas por um usurário com a assinatura de Anastácio Temporal Agulha" (GUIMARÃES JÚNIOR, 2003, p. 408).

5 Considerações finais

Embora *A família Agulha* traga como subtítulo o rótulo de romance humorístico, a seriedade das questões que perpassam as suas páginas acaba por sobressair-se, uma vez que é possível encontrar nele elementos importantes que se fizeram presentes na sociedade oitocentista brasileira e que ainda podem ser localizados em pleno século XXI. Ao apostar na comicidade, Guimarães Júnior consegue apreender os hábitos da sociedade imperial carioca recém-urbanizada, descortinando toda a gama de corrupção existente nas relações políticas e comerciais dessa sociedade. Depois da leitura da obra, é possível a constatação de

um tipo particular de olhar realista que revela a posição do romance no entrelugar que transita do Romantismo para o Realismo e o Realismo-Naturalismo.

Com o objetivo de verificar de que forma as representações da problemática do favor se fazem presentes neste romance folhetinesco, o presente artigo ancorou-se nas considerações teóricas de Freyre feitas em *Sobrados e mucambos* (2013); nos conceitos de Schwarz apresentados em *Ao vencedor as batatas* (1981); nas discussões sobre a homologia entre literatura e sociedade presentes em *A permanência do círculo* (1987), de Roberto Reis; e nos apontamentos históricos de Del Priore em *Histórias íntimas* (2011).

No decorrer da análise aqui empreendida, foi possível observar a presença de elementos que remetem ao sistema de favor, os quais atravessam as ações desencadeadas na trajetória da família de Lucas Sistema, pai de Eufrásia, e que se fazem perceber de maneiras diversas nas atitudes dos três integrantes da família Agulha, especialmente de Anastácio, que elabora inúmeros estratagemas malandros para sobreviver na sociedade carioca ainda marcada pela visão ignominiosa do trabalho e, assim, evitar ficar à margem socioeconômica. Além dessas, a problemática do favor manifesta-se nas ações de outros personagens, como nas do procurador Felisberto Canudo de Oliveira Conceição Albuquerque e Melo, nas do escrivão Lopes e nas de Joaninha Sacramento (Caxuxa).

Espera-se que as breves considerações tecidas ao longo deste artigo contribuam no sentido de despertar no leitor a curiosidade de mergulhar nas páginas desse sério romance humorístico e, por meio dele, ouvir ecos da sociedade oitocentista carioca, os quais se relacionam dialogicamente com os trabalhos de Freyre, Schwarz, Reis e Del Priore e podem ser reconhecidos como em permanência no Brasil contemporâneo.

Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. *In:* CANDIDO, Antonio*. A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1989, p. 163-180.

DEL PRIORE, Mary. Um século hipócrita. *In:* DEL PRIORE, Mary*. Histórias íntimas:* sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 54-101,

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. O código do sertão. *In:* FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho*. Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997, p. 21-63.

FREYRE, Gilberto. O sentido em que se modificou a paisagem social do Brasil patriarcal durante o século XVIII e a primeira metade do XIX; O engenho e a praça: a casa e a rua. *In:* FREYRE, Gilberto*. Sobrados e mucambos:* decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2013, p. 64-82.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. *A família Agulha:* romance humorístico (1870). Organização, edição e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo* (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 1985.

REIS, Roberto. *A permanência do círculo*: hierarquia no romance brasileiro. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *In:* SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas:* forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2. ed. S. Paulo: Duas Cidades, 1981, p. 13-28.

SÜSSEKIND, Flora. Nota prévia; A família Agulha: prosa em ziguezague. *In*: GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. *A família Agulha:* romance humorístico (1870). Organização, edição e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003, p. 7-32.

Recebido em 31/07/2024
Aceito em 01/12/2024